

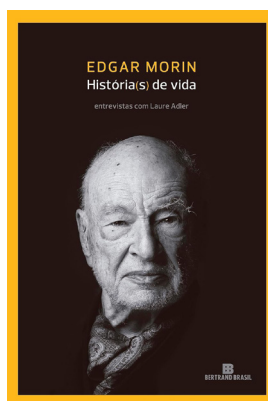
Edgar Morin, vida e pensamento: cúmplices de um centenário

Edgar Morin, life and thought: accomplices of a centenary

Edgar Morin, vida y pensamiento: cómplices de un centenario

Paulo Sérgio Raposo da Silva¹ 

Maria da Conceição Xavier de Almeida² 



MORIN, Edgar. **História(s) de vida**.
Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023

RESUMO

Caçador de saberes, Edgar Morin, pensador francês nascido em 08/07/1921, escreveu uma vasta obra sobre os mais variados temas ao longo dos seus mais de cem anos. É praticamente impossível passar pela obra de Morin sem encontrar reflexões cadentes sobre os temas cruciais do século XX, já que o autor viveu quase todo o século e participou diretamente dos eventos mais importantes do período escrevendo sobre e discutindo aquilo que se impôs como desafio aparentemente incontornável. Escreveu e discutiu substancialmente porque, primeiro, viveu. Viver e escrever a partir da própria vida, aliás, sempre foi o que mobilizou o pensador francês. Isto é o que pode ser constatado no seu último livro traduzido para o português, **História(s) de vida** (2023), que deu causa a esta resenha e pode servir como um ponto de partida para quem busca construir uma maneira de pensar capaz de atravessar o tempo sem perder a pertinência.

ABSTRACT

A hunter of knowledge, Edgar Morin, a French thinker born on July 8, 1921, has written a vast body of work on the most varied topics over the course of more than a hundred years. It's practically impossible to go through Morin's work without coming across cadent reflections on the crucial themes of the twentieth century, since the author lived through almost the entire century and participated directly in the most important events of the period, writing about and discussing what was imposed as a seemingly unavoidable challenge. He wrote and discussed substantially because, first, he lived. Living and writing from his own life, in fact, was always what mobilized the French thinker. This can be seen in his latest book translated into Portuguese, **História(s) de vida (2023)**, which gave rise to this review and can serve as a starting point for anyone looking to build a way of thinking capable of traversing time without losing its relevance.

1 Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), situado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, CEP 59072-970, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: pauloraposo10@gmail.com

2 Doutora em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUCSP. Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Fundadora e coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), primeiro ponto brasileiro da Cátedra itinerante Unesco "Edgar Morin" na UFRN e Membro da Association pour la Pensée Complexe, Paris. Endereço para correspondência: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, CEP 59072-970, Natal, RN, Brasil. E-mail: calmeida17@hotmail.com

RESUMEN

Cazador de conocimientos, Edgar Morin, pensador francés nacido el 08/07/1921, ha escrito a lo largo de más de cien años una vasta obra sobre los temas más diversos. Es prácticamente imposible recorrer la obra de Morin sin toparse con cadentes reflexiones sobre los temas cruciales del siglo XX, dado que el autor vivió casi todo el siglo y participó directamente en los acontecimientos más importantes de la época, escribiendo y discutiendo sobre lo que se planteaba como un reto aparentemente ineludible. Escribió y discutió sustancialmente porque, en primer lugar, vivió. Vivir y escribir a partir de su propia vida, de hecho, fue siempre lo que movilizó al pensador francés. Así lo demuestra su último libro traducido al portugués, ***Historia(s) de vida (2023)***, que dio origen a esta reseña y puede servir de punto de partida para quien busque construir un pensamiento capaz de atravesar el tiempo sin perder actualidad.

Continuo a pregar o inesperado no deserto, ou seja, procuro espalhar minha mensagem por todos os lugares, como as sementes de uma árvore, esperando que, quando o solo estiver fértil, as sementes brotem (Edgar Morin, 2023).

Edgar Morin não escreveu apenas sobre as questões históricas, culturais, filosóficas e sociológicas mais importantes dos séculos XX e XXI; ele as viveu e vive na pele, as enfrentou e enfrenta em conjunturas específicas, elaborou e ainda elabora, no calor da hora, respostas existenciais para tais questões. Como um intelectual que não separa sua vida da obra e a obra da própria vida, o percurso biográfico e bibliográfico de Morin não é marcado apenas por decisões e certezas, mas por decepções, recuos estratégicos e reelaborações necessárias daquilo que antes parecia dado ou evidente. Esta maneira de pensar vivendo o pensamento é o que lhe confere tanto a ousadia para tensionar verdades quanto a visceralidade capaz de tornar o observador parte daquilo que observa e escreve.

A vida vivida em suas particularidades, a experiência concreta dos fatos levada às últimas consequências e tratada como tão importante quanto qualquer arrazoado teórico é o primordial da relevância de um homem centenário que aprendeu a resistir ao tempo e às próprias fragilidades, reinventando formas de pensar e repensando o pensamento acerca daquilo que já foi pensado. É o que se pode encontrar e ler no livro *História(s) de vida*, publicado na França em 2022 e, no Brasil, em 2023.

Resultado de entrevistas concedidas à Laure Adler, jornalista e uma das amigas mais próximas de Edgar Morin, o texto é uma espécie de celebração da amizade entre os dois, que se desdobra em cumplicidade intelectual e cria a ambiência adequada para que as confidências sejam repartidas sem constrangimento. Essa ambiência, além de ser a experiência necessária para que verdades jamais ditas sobre si ou sobre as coisas sejam enfim ditas ou questionadas, revela o humano que está por trás do pensador, o pensador que pensa o humano; revela, para todos os efeitos, as razões que forjaram a maneira de formular o pensamento que, elaborado e reelaborado a partir da vida vivida, ganha forma física, nome próprio, sentido e emoção. Não é possível separar o ato de teorizar e as teorias dos afetos e da existência. Teoria é, também, expressão daquilo que se experimenta na pele.

As entrevistas que compõem o livro foram feitas em momentos diferentes, por plataformas igualmente distintas, em função da pandemia da COVID-19. As perguntas elaboradas perpassam desde temas de ordem pessoal, como as amizades do autor e o amor como seu segredo para a longevidade, até questões de natureza sociológicas passando por reflexões de cunho epistêmico-filosófico. Revolução, luta de classes, política partidária, a beleza do mundo e o futuro da humanidade, a pandemia da COVID-19, que o exilou e suas consequências; as vacinas e o negacionismo relacionado à questão, as relações com o comunismo

e François Mitterrand (cuja atuação política impressionou Morin), a condição de ser de um marrano no mundo, o que se espera de um intelectual e da ciência atualmente, a autocrítica como necessidade básica para não se perder, a insurgência praticamente atávica de Edgar Morin como um traço indelével da sua trajetória e o terrorismo são os temas e as veredas que o livro desbrava.

Em Morin, autobiografia convoca autocrítica e esta última, sem a qual um conhecimento pertinente jamais poderá se constituir, exige disposição à mudança no e por causa do calor dos acontecimentos. Assumir outra postura implica em se desviar das realidades concretas a fim de apostar apenas em abstratos e falar a partir do distanciamento. É um tipo de ignorância que, apesar da inteligência que a produz, não se percebe e não se admite.

Edgar Morin, tal qual pode ser visto mais uma vez no livro, sempre deixou claro que não existe observador puro e que todo “observador/conceituador deve se observar e se conceber em sua própria observação” (Morin, 2013, p. 30), afinal “só existe objeto em relação a um sujeito (que observa, isola, define, pensa) e só há um sujeito em relação a um meio ambiente objetivo que lhe permite reconhecer-se, definir-se pensar-se, mas também existir” (Morin, 2015, p. 41). Trata-se de uma característica própria do seu modo de ser e agir no mundo. Uma ontologia de natureza complexa.

Os mais racionalistas poderão argumentar que, ao se implicar desta maneira com sua produção intelectual, o autor fragiliza sua contribuição teórica. Esta não é outra senão a ilusão de uma racionalidade fechada, que julga ser possível falar sobre a realidade e permanecer incólume ou inalterável por suas incidências. Essa ilusão é consequência da racionalização, a distorção da nossa capacidade de pensar e refletir sobre o que há em nós e à volta; é, como sustenta o próprio Edgar Morin (2013, p. 231), “a sócia demente” da racionalidade, uma exasperação, um erro que engana e devasta.

Ora, “o sujeito que desaparece em seu discurso se instala na verdade na Torre de Controle. Fingindo deixar lugar ao sol copernicano, ele reconstitui um sistema ptolemaico no qual seu espírito é o centro” (Morin, 2005, p. 38). Morin não omite informações sobre si, não esconde segredos que poderiam comprometê-lo e não hesita em responder perguntas sobre temas delicados. É isso que se observa nos 19 capítulos que compõem o livro *História(s) de vida*. Enquanto confessa timidez, desespero, uma certa sensação de desamparo e incompreensão acerca daquilo que lhe tomou de sobressalto, principalmente a perda precoce da sua mãe (um tema recorrente em sua obra), Morin revela os valores que mobilizaram e mobilizam seu pensamento e sua existência. É uma ontologia que define a sua epistemologia, e vice-versa. Dúvida, necessidade de amor, de fé e de comunicação não são suas fraquezas confessadas; são os pontos de partida de uma existência reflexiva e ativa contra a barbárie.

Olhando para suas tragédias é que o intelectual compreende e desenvolve dilemas que podem ser de vários outros e, assim, mostra, semelhantemente ao que fez em o *Método 6* (Morin, 2011), uma ética da solidariedade que encontra na ampla religação dos sujeitos e das coisas o fundamento básico para qualificar a vida e resistir a crueldade do mundo, posto que essa solidariedade “é um trabalho de saúde pública lutar para nos entendermos mutuamente” (Morin, 2023, p. 17). Entender o outro e ser solidário a partir da admissão das próprias fraquezas significa admitir uma vulnerabilidade que pode fazer o outro reconhecer

no intelectual, especialmente quando este parecer superior, a mesma humanidade. Eis um modo de ser no mundo que inclui sem hierarquizar.

Ao transitar por aqueles temas do livro, Morin demonstra que por vezes foi um transeunte levado pelas turbulências, contudo registra que os tsunamis da história, as convulsões sociais “não modificam apenas os destinos individuais, mas também o pensamento dos indivíduos” (Morin, 2023, p. 79) que, inscritos em determinadas circunstâncias, têm nesta mesma inscrição a matéria a partir da qual se pode ser um agente direto de transformação e, no limite, um sábio, no sentido mais amplo e inclusivo do termo, dado que o intelectual não é definido somente por sua profissão, mas “pelo fato de que, em paralelo com sua carreira, dedica às coisas da mente e do intelecto, ele se engaja em praça pública e toma posição em problemas fundamentais da história concreta de sua nação ou da humanidade” (Morin, 2023, p. 83).

Intelectual, portanto, deixa de ser uma categoria meramente institucionalizada e passa a ser uma tomada de posição frente a situações que são vivenciadas por qualquer um. Não poderia ser diferente, posto que viver sob a égide da incerteza, do inesperado e do improvável, como Morin viveu todos seus anos, demanda uma atenção redobrada de todos que vivem, não apenas daqueles que fazem do pensamento uma profissão. Implicado e pessoalmente exposto nas ideias que propõe, o eterno insurgente francês ensina a partir daquilo que viu e experimentou.

Como um obstinado caçador de saberes, Edgar Morin não hesita em dizer que sua vida é toda feita de busca, uma busca “para tentar viver, para tentar compreender, para tentar ser útil” (Morin, 2023, p. 191) fugindo dos rótulos, inclusive daqueles que veem de contrabando pela produção acadêmica geral, que tende a tratar o intelectual como outra coisa que não seja humano, ou seja, vulnerável e suscetível a equívocos, a deslizos e vexames.

O oposto disto é a marca definitiva da vida e do Pensamento Complexo arquitetado por Edgar Morin; um pensamento que não se satisfaz com verdades que podem ser esgotadas por uma maneira única e estática de raciocinar, dado que só se consumam na vida dos vivos e os modulam à medida que também se transformam. Um pensador complexo trata a experimentação pessoal do real como um imperativo, antes de comunicá-lo como discurso teórico e ter esse discurso como propriedade privatizante. Esse não seria um tipo ideal de pensador para a educação dos intelectuais de que tanto se precisa? Não seria este o caminho possível para formular alternativas a modelos fadados a repetições exaustivas de conteúdos e teorias que como comunicam somente a pares? Sim: o livro e a vida narrada por Morin, assim como aconteceu ao longo de todo seu percurso, não deixam dúvidas.

Se os mais convictos do contrário acharem que não, que o tipo de intelectual seria capaz de superar a fuligem do tempo como Morin? Que tipo de intelectual constitui a média da intelectualidade? O burocrata, que se contenta em reproduzir teorias às quais se vinculou e sobre as quais desenvolve suas teses, como se tivesse de prestar tributos constantes aos sistemas de pensamento dos quais retira o sentido da realidade? O impassível, o inalterável, o inabalável, o completamente constante que, de tão polido e iludido por sua pretensa objetividade absoluta, dificilmente será visto como um igual aos outros humanos?

Se sim, que tipo de intelectualidade e relação humana podem resultar dessa objetivação cujo maior dos méritos é transformar tudo em coisa esquadrinhável, como se o mundo e a realidade pudessem caber em suas formulações teóricas? A intelectualidade da ilusão e da indiferença em relação ao outro. Será a intelectualidade da despersonalização e mecanização de tudo, apesar de que todo intelectual que se queira orgânico ter como matéria de trabalho gente e coisas forjadas em circunstâncias que exploram e exaurem suor e lágrimas, sangue e dor, energia e desejos, sonhos e decepções, alegrias e tristezas. Essa não é a intelectualidade apropriada para construir alternativas à crueldade do mundo.

Edgar Morin sabe disto e fez das suas experiências, marcadas por acertos e desacertos, convergências e rupturas, a substância a partir da qual todo seu pensamento se constituiu. Viver e tratar seus movimentos como primordiais foi seu modo de submeter a razão ao real, não o contrário; foi o seu modo de mostrar o que pode ser uma racionalidade aberta, já que a vida, tal como Morin narra no livro, é uma variação constante.

O mundo e a realidade, a vida e os vivos prescindem de qualquer formulação teórica e possuem tempos de ser e acontecer diferentes dessas formulações, mesmo que os padrões e as normas da sociedade levem a intelectual média a pensar o contrário. Esses são os pontos iniciais de qualquer elaboração conceitual, mas, também e sobretudo, aquilo para o que os conceitos devem apontar, os entes diante dos quais devem se curvar, para serem refeitos quando se mostrarem arrítmicos em relação ao curso da história ou se apresentarem como verdades finais.

Contar histórias de vida em mais um texto autobiográfico significa remontar as bases a partir das quais o Pensamento Complexo se elaborou e elabora, que não são outras senão o engajamento visceral com aquilo que se insurge para enfrentá-lo e a curiosidade para procurar as melhores respostas. Tudo isso significa reiterar que não se faz uma bibliografia pertinente omitindo a biografia que a produziu e com a qual esteve a todo tempo imbricada; significa, por fim, mostrar quais foram e quais são os cúmplices de cem anos de importância em meio a ambivalências, disputas, crises, guerras e incertezas.

A vida vivida sempre foi a maior cúmplice do Pensamento Complexo. *História(s) de vida* é um destes livros que impacta à medida que produz reflexão, que faz refletir à medida que impacta, que apresenta percepções pessoais de uma vida que se tornou política pela incursão do seu pensamento.

Quem ler esse livro conhecerá a intimidade de um francês que dedicou a vida a enfrentar questões globais, com todas as relatividades imanentes a uma vida privada. Saberá, dentre outras coisas, como um intelectual atravessou anos sem perder a vitalidade, justamente por nutrir um tipo de pensamento sempre disposto a se auto-eco-organizar. O leitor saberá, também, como esse intelectual se autoeducou, como trabalhou as próprias contradições e dúvidas, como se situou em conjunturas adversas e o que aprendeu a pensar fazendo e a fazer pensando.

O livro não é uma cartilha e não tem essa pretensão, porém não pode ser ignorado por aqueles que possuem algum mal-estar acerca do modo como as ideias são elaboradas frente a dilemas e problemas que demandam uma atitude um tanto mais ousada do que

aquelas que já são conhecidas. *Histórias de vida* é um testemunho de quem não tem apenas o que ensinar teorizando, mas tem o que ensinar a partir do que viveu para conseguir teorizar o que teorizou, e poucas contribuições podem ser mais adequada para o atual momento histórico. Leia.

REFERÊNCIAS

MORIN, Edgar. **O método I: A natureza da natureza**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. 5. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **História(s) de vida: entrevistas com Laure Adler**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

Histórico

Recebido: 30 de maio de 2024.

Aceito: 24 de julho de 2024.

Publicado: 25 de julho de 2024.

Como citar – ABNT

SILVA, Paulo Sérgio Raposo da; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. Edgar Morin, vida e pensamento: cúmplices de um centenário. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, Belém/PA, n. 47, e2024023, 2024. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2024.n47.e2024023.id653>.

Como citar – APA

Silva, P. S. R. da; Almeida, M. da C. X. de. (2024). Edgar Morin, vida e pensamento: cúmplices de um centenário. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, (47), e2024023. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2024.n47.e2024023.id653>.